
Atravessamentos da Comunicação: sociabilidade e perspectiva religiosa entre evangélicos da Amazônia¹

William Costa da SILVA²
Marina Ramos Neves de CASTRO³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

O presente artigo consiste em dialogar sobre sociabilidade e perspectiva evangélica na Amazônia, por meio de atravessamentos em Comunicação. O estudo pretende compreender a construção das sociações (Simmel, 2006) baseada na religiosidade neopentecostal a partir da presença evangélica nos meios de comunicação de Belém, no Pará. O objetivo é identificar, a partir do processo de socialidade e sociabilidade, como o ser evangélico é conformado na região e o quanto dos fenômenos comunicacionais emergem desse ecossistema. Entre os apontamentos, notam-se os elementos comportamentais das interações religiosas, bem com a mediatização do que é materializado por meio da comunicação, para dar sentido ou não, às suas experiências religiosas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; evangélicos; sociabilidade; comunicação.

Introdução

Segundo Berger e Luckmann (2004), a construção social se sustenta no coletivo. É por meio desse movimento, que se dá a continuidade das percepções e crenças, ou seja, um conhecimento socialmente construído. “A experiência estética e religiosa é típica em produzir transições desta espécie, enquanto a arte e a religião são produtores endêmicos de campos de significação” (2004, p. 43), ou seja, como as instituições e as estruturas sociais se tornam internalizadas na vida cotidiana das pessoas.

Nesse sentido, acreditamos que realidades factuais, desejos, sonhos fazem parte do mesmo corpus intersubjetivos na produção do mundo da vida (Merleau-Ponty, 1996). Desta maneira, pensamos que o sujeito não está limitado a uma realidade dicotômica de si e do outro, mas em processos de percepções diversos e múltiplos quem podem variar de acordo com o contexto vivenciado ou experienciado, ou seja, de acordo com o fenômeno produzido em sociação (Simmel, 2006). Assim, na experiência do comum, tanto a religião, como a filosofia, a arte e a ciência, convergem enquanto sistemas de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Religiões, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação, Cultura e Amazônia pelo PPGCOM da UFPA, e-mail: contato.wcosta@gmail.com

³ Doutora em Antropologia, professora na FACOM e no PPGCOM da UFPA, e-mail: mnrndecastro@gmail.com

símbolos que geram padrões de significados compartilhados (Geertz, 1978), e que compreendemos como importantes e essenciais para as interações no cotidiano e na apreensão pelo senso comum para a manutenção das relações de pertencimento.

A questão mobilizadora deste estudo corrobora para uma percepção da sociabilidade religiosa, no seio evangélico, em um contexto amazônico. Assim, parte-se de uma reflexão sobre a composição do ser evangélico na Amazônia, em tessitura de novas sociabilidades, atravessadas pelas mídias.

O processo de midiaticização do campo religioso não termina, evidentemente, com essa interseção entre o ambiente das mídias e as instituições religiosas. Em uma cultura da convergência, é quase inevitável algumas misturas entre Igrejas e denominações religiosas, de um lado, e o ambiente midiático que as cerca (Martino, 2016, p. 147).

Segundo Martino (2016), há uma convergência cultural no campo religioso observável mediante a diluição de fronteiras entre as narrativas religiosas e a linguagem dos meios de comunicação, abarcando no cerne do entretenimento - ou seja, faz-se nas relações sociais e processos de sociabilidade -, o reconhecimento de elementos que são comuns do cotidiano, ornamentados com a narrativa bíblica, seja em ações de pastores, padres, ou, ainda, em produtos de mídia, adaptadas do contexto cristão.

Assim, parte-se, na construção desse artigo, de uma revisão bibliográfica, em diálogos com os atravessamentos da comunicação na sociabilidade evangélica na Amazônia, a fim de analisar e entender a ressignificação nesse ecossistema em perspectiva de construção social (Berger e Luckmann, 2004), que emerge por meio de personagens evangélicos midiaticizados, sejam políticos, cantores, donos de rádios, canais de televisão e líderes de igrejas, de Belém do Pará.

Atravessamentos

Berger e Luckmann (2004) enfatizam que a socialização é a maneira através da qual os indivíduos aprendem e internalizam as normas, valores, crenças e padrões culturais de sua sociedade, o que, por sua vez, influencia a maneira como percebem e interpretam o mundo da vida.

Dessa forma, para Berger e Luckmann (2004), o processo socialização se apresenta como complexo, ocorrendo de forma dialética, onde o “membro individual da sociedade, o qual simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza esse último como realidade objetiva” (p. 173), ainda que pensemos que toda

realidade é uma interpretação de mundo pelo indivíduo, e assim o sendo, uma realidade para este.

Na efetividade das relações interpessoais, sejam elas simples ou complexas, mediadas e não-lineares (Verón, 2014)³, na família ou em sociedade, pautadas na emoção ou razão, consolida-se o processo de socialização. Assim, por meio de contatos e da capacidade de interação, por vivência ou experiência em sociedade, se estabelecem a sociabilidade em que, nesse viés, nota-se que o processo é inerente à condição humana em sociedade, e se apresenta ao longo da vida cotidiana (Giddens, 2012).

Em Giddens (2012), o homem é apresentado como um ser social e, o que o integra à sociedade é tido como fenômeno da socialização, ou seja, valores, normas e práticas sociais. E, essa capacidade natural humana de viver em sociedade, desenvolvida pelo processo de socialização, é a sociabilidade.

Nessa esteira reflexiva, pode-se direcionar o foco às instituições sociais como sistemas de normas que regem formas de convivência, valores e convenções, de maneira a conduzir o agir coletivo, influenciando-o. Para Durkheim (1978), os fatos sociais independem da vontade e da existência do indivíduo, mas estão postos ante a ele como padrão de comportamento, a exemplo do comportamento religioso.

Embora esse processo não ocorra para negar as dinâmicas da subjetividade – isto é, da apropriação individual dos componentes coletivos -, observa-se que o sujeito social carrega traços-dessas instituições de formação que vão sinalizar o ser em sociedade, os atravessamentos coletivos, políticos, religiosos, culturais que o conformam enquanto um ser social pertencente àquele universo cultural.

A sociabilidade pode ser a própria religião ou a materialização dela, quando da necessidade de interações sociais, para se construir, ao menos, o sentido de igreja. Um dos aportes bíblicos mais usuais, fundamenta essa afirmativa, na passagem de Mateus, capítulo 18 e versículo 20, diz que “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Bíblia, 2008).

Neste contexto, há inicialmente dois caminhos com a afirmativa bíblica, a de manifestação natural do ser como mediador da interação entre os reunidos, na chancela

³ Fenômenos midiáticos se condensam em sistemas sociais complexos, a partir de um olhar situado em Verón (2014), quando da leitura de uma sociedade midiaticizada. Neste sentido, observa-se, nas comunicações interpessoais, como diretas e que, segundo o autor, são não lineares.

de que se presente, é consolidado, e no segundo momento, ele se materializa como a própria interação, ou seja, nele o processo comunicativo se realiza.

Portanto, a narrativa bíblica se constitui no sentido de sociabilidade e se revela diante dos fenômenos comunicacionais e intersubjetivos, pois a religião nasce e se consolida na cultura.

Contexto amazônico

Segundo Reis (2016), a chegada de missionários estrangeiros ao Pará ocorreu durante o período da *Belle Époque*, quando a região estava em plena efervescência econômica e cultural devido o ciclo da borracha em final do século XIX. Os primeiros a chegarem foram os pentecostais que se estabeleceram na cidade de Belém.

Segundo Oliveira e Pinto (2017), os norte-americanos escolheram a Amazônia para o envio missional, pautado na falta de propaganda protestante e no anseio de que “por meio do protestantismo a região alcançaria o progresso” (p. 124). Portanto, um imaginário construído a partir de um “sonho americano” de desenvolvimento político-econômico.

Desse modo, o protestantismo é a influência mais recente que a Amazônia passa a viver. Trata-se de um protestantismo da conversão, da mudança de vida, do proselitismo, da negação da própria cultura. Assim, o protestantismo reproduziu novas práticas messiânicas de evangelização e de colonização, gerando assim, uma nova dinâmica social e religiosa (Oliveira; Pinto, 2017, p. 124).

Ainda de acordo com Reis (2004), desde o início de atuação evangélica em Belém, os pentecostais - diferente dos missionários que estavam ligados a igrejas tradicionais de missão, como Batistas, Metodistas, Anglicanas e Presbiterianas, foram influenciados pela cultura local através das encantarias, pajelanças e devaneios pagãos do exótico amazônico. Ou seja, houve um atravessamento, uma espécie de aculturação sofrida pelos pentecostais ao reinventarem suas próprias linguagens simbólicas.

Com isso, o processo identitário do evangélico na Amazônia, caminha para um sustento cultural diante dos sentidos e das representações caboclas, em uma pluralidade de representações quando se referenciam evangélicos, principalmente do contexto amazônica. Reis (2016) ressalta que, é desafiador analisar ambiguidades da face evangélica paraense e o campo de recriações míticas são marcas que os favorecem entre si, no sustento do imaginário.

O autor resgata dois exemplos de um contexto mítico, dando origem à igreja pentecostal Assembleia e Deus, quando Gurnar Vingrem e Daniel Berg, missionários fundadores, recebem o reconhecimento póstumo como heróis e, também, de Eurico Nelson, missionário Batista reconhecido como apóstolo da Amazônia, por fundar a denominação na região.

Para além dessa “jornada de bravura” missional dos evangélicos na Amazônia, segundo Reis (2016), ao chegarem em terras paraenses “encontram um contexto amazônico de crítica, por exemplo, por parte de católicos mais ortodoxos e intelectuais, da pajelança cabocla, dos visagismos e encantarias” (p. 84). E, é diante desse cenário que os evangélicos atuaram contra a “demonização” cultural do que estava em sociedade.

Desse universo simbólico, a igreja evangélica foi organizada, bem como as relações de poder e instrumentalização da fé, a partir do cristianismo protestante que, segundo Reis (2016), se estrutura principalmente por estar nesse contexto de pajelança, como campo fértil para o exercício do “ser evangélico” expresso em sociedade, principalmente aos pentecostais.

Um dos campos afincos para o crescimento dos evangélicos, também na Amazônia, se deu por meio da imposição a uma nova visão de mundo. Para Cunha (2007), a primeira função dos missionários evangélicos no Brasil é atuar pelo anticatolicismo, ou seja, tentar convencer os indivíduos de que a religião e cultura da qual viviam era pagã e teriam como destino o inferno. "Pode-se assim dizer que a base da construção do jeito de ser evangélicos foi a negação das manifestações culturais populares e do catolicismo" (Cunha, 2007, p. 37) e, caminhos para novas sociabilidades entre evangélicos, foram sendo construídos.

Na e da comunicação

A presença dos evangélicos nos meios de comunicação brasileiros é recorrente, mas ainda tímida, inicialmente com os jornais, seguido do rádio, televisão e mais recente, as mídias digitais. A acentuação dessa presença, segundo Campos (2004), vem na década de 1980, por meio de compras ou aluguéis de horários em canais de TV e rádios. Mas não somente isso, há um processo comunicativo no “modo de ser gospel”⁴, que convergia,

⁴ O termo ‘gospel’, segundo Cunha (2007) concentra uma perspectiva de cultura híbrida, “por resultar do entrecruzamento de aspectos tradicionais do modo de ser protestante construído no Brasil com as manifestações de modernidade presentes em propostas pentecostais, no fenômeno urbano brasileiro, no avanço da ideologia do mercado de consumo e na cultura das mídias” (p. 10).

principalmente, música, consumo e entretenimento, e se expandia ainda com a presença na política, segundo Cunha (2019).

Em Miklos (2010), vê que, a justificativa oficial para que as religiões ocupem a mídia, está centrado no processo missional de conversão, há uma relação de interdependência capitalista que se constitui enquanto “canal de difusão de bens simbólicos, especificamente dos emblemas religiosos que pautam a visão de mundo proposta pela religião que utiliza esses meios eletrônico” (p. 27).

Hjarvard (2014) pondera sobre a importância das tecnologias de mídia que ajudam na propagação dos fenômenos sobrenaturais na sociedade moderna, pois permitem a riqueza de detalhes, personagens e narrativas de representação desses fenômenos. E é por meio das mídias digitais, que a religião ganha importância para disseminação, discussão, expressão de ideias e sentimentos “para além da estrutura tradicional da igreja” (p. 130). Isso ocorre principalmente após os anos 2000, quando a mídia evangélica se aproxima dos percentuais de mídia católica no Brasil (Pestana, 2021).

Em Cunha (2007, p. 50), vê-se que “a Amazônia e o Nordeste têm sido polos de crescimento evangélico, especialmente entre indígenas (batistas) e área de resistência do catolicismo (pentecostais).” E, conforme dados da Datafolha (2020), há 31% da população brasileira declaradamente evangélica. O perfil se destaca como maioria sendo de mulheres negras (considerando pardas e pretas) e, a região Norte é que tem a maior proporção de evangélicos, com 39% da população.

A Assembleia de Deus, que nasce em Belém, constitui a maior igreja evangélica do país, segundo dados do IBGE (2012) e, que reflete na presença destes agentes, nos mais diversos campos sociais, como o da religião, que se inter-relacionam em diferentes espaços e relações de poder (Bourdieu, 1983).

A marca evangélica na cena da região amazônica está disposta em vários espaços, sejam públicos, privados e, mesmo de caráter político, acompanhando um padrão de construção identitária evangélica presente seja em nomes de ruas, como no caso da Av. Centenário, que remete aos 100 anos da igreja Assembleia de Deus em Belém - e que, anteriormente, homenageava o escritor paraense Dalcídio Jurandir (Agência Belém, 2004)-, seja no caso de viadutos, como o viaduto Daniel Berg; seja, ainda, em declarações de políticos e autoridades, como na declaração do prefeito de Manaus (AM) Davi Almeida (Avante), que é Adventista.

Esse fenômeno social de caráter religioso na região, também é ressaltado nas pesquisas de Rodrigues e Moraes Júnior (2018), e é fomentado entre os evangélicos, especificamente os pentecostais, que atuam na disseminação de práticas de êxtase e cura entre populações indígenas, destribalizados tribos indígenas e procurando evangelizar ribeirinhos, onde podemos perceber uma ressignificação de formas curandeiras e xamânicas com a seleção de elementos da cultura, a fim de desenvolver e expressar novos ritos e experiências espirituais (p. 914).

Na mídia, o serviço missional assume um novo espaço junto aos evangélicos, não somente consolidando a religião e sua atuação, como abrindo espaço para a conquista de novos adeptos ao pentecostalismo e neopentecostalismo. Essa popularização da religião, primeiramente, através das mídias convencionais – TV, rádio, jornais e revistas – e, em seguida, das mídias digitais, em especial pós-pandemia – quando passaram a integrar o culto nas redes sociais, e, mais recente, durante o uso do espaço pelo presidente Jair Bolsonaro e o uso das mídias e redes sociais e digitais pela sua equipe – fomentou a entrada da política nas Igrejas, em especial aquelas evangélicas pautadas por pastores bolsonaristas.

Apontamentos

Entre as emissoras de televisão que operam transmissões na Região Metropolitana de Belém⁵, há os canais com programação do seguimento evangélico também, são elas: TV Boas Novas, Rede Mundial, TV Universal, Boa Vontade TV, RIT, TV Verdade, TV Novo Tempo. Entre as rádios evangélicas, estão: Liberdade FM, Rádio Boas Novas, Rede Aleluia, Rádio Novo Tempo e Amazônia Viva FM, além dessas, há programas evangélicos em horários locados em canais seculares, como a RBA TV, NBT, Record News Belém, TV Grão-Pará, Record TV e Rede TV Belém.

Para além dessa inserção midiática em veículos de massa de Belém, há casos pontuais onde os evangélicos são inseridos na programação de televisão ou rádio da capital. Na rádio 99 FM, líder em audiência,⁶ há reprodução de música gospel ocasionalmente e, na TV Liberal, afiliada Globo, um dos projetos comerciais da empresa, o Sons do Pará, leva clipes de cantores da região durante o intervalo dos programas em

⁵ TV e Rádios de Belém. Disponível em: <https://lineup.tv.br/>. Acesso em 10 ago. 2023.

⁶ Audiência – Rádios do Grupo RBA lideram audiência em todas as frequências. Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/723646/radios-do-grupo-rba-lideram-audiencia-em-todas-frequencias?d=1>. Acesso em 11 ago. 2023.

horário nobre, como calhau⁷ e, dos artistas que integram o casting, está Daniely Maciel, cantora evangélica.⁸

Nota-se que, pela presença de evangélicos na mídia, Campos (2008, p. 23) ressalta o “apetite missionário que sempre fez das igrejas protestantes instituições e movimentos voltados para fora, à busca de expansão contínua,” em uma perspectiva de ser fundamental tal combinação.

Dados populacionais apontam que o nicho evangélico cresce continuamente. Assim, a mídia passa a dar espaços maiores, tal qual personagens em novelas, que por anos foram escrachados em corrupções, desvios de conduta e outros problemas morais, se distanciam da proposta da telenovela Vai Na Fé, que apresenta de forma mais humanizada o ser evangélico ao contar a “história de Sol, mulher de fé, dedicada à família, que se vê cheia de dívidas”, Globoplay (2023)⁹. E, que segundo apresentado no plano Mídia Kit da TV Liberal¹⁰, a novela é o segundo programa de maior audiência da emissora.

A partir da tabela abaixo, podemos fazer um breve mapeamento de pastores e mídias vinculadas a estes:

TABELA 1 - Líderes evangélicos na Amazônia paraense

Pessoa	Função principal	Igreja de vínculo	Seguidores em redes sociais*	Outros vínculos
Samuel Câmara	Pastor presidente	Assembleia de Deus - igreja-mãe; Convenção das Assembleias de Deus no Brasil (CADB)	116 mil - Facebook 44,3 mil - Instagram	Dono da Rede Boas Novas de Rádio e TV – cobertura nacional
Josué Bengtson	Pastor presidente, político e fundador da igreja no Pará	Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ-PA); Deputado Federal com direitos políticos suspensos	48 mil - Facebook 19,6 mil - Instagram	Dono da rádio FM Liberdade de Belém do Pará
Patricia Queiroz Capra	Pastora e Cantora líder de louvor	Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ-PA)	122 mil - Facebook 89,4 mil - Instagram	Co-apresentadora do Programa de TV Prece Poderosa – vai ao ar em canais abertos de televisão, como espaço locado

⁷ Peça que ocupa um espaço ocioso de publicidade na grade de programação das emissoras de rádio/TV.

⁸ Daniely Maciel. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pa/tvliberal/sons-do-para/noticia/gospel-quem-e-esse-emociona-na-voz-da-talentosa-daniely-maciel.ghtml>. Acesso em 11 ago. 2023.

⁹ Globoplay – Vai na Fé. Disponível em: <http://globoplay.com.br>. Acesso em 16 ago. 2023.

¹⁰ Diárias de Novelas - Disponível em: <http://negociostvliberal.com.br/wp-content/uploads/2023/07/diaria-de-novelas-ago-23.pdf>. Acesso em 11 ago. 2023.

Vavá Martins	Radialista e político	Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)	224 mil – Facebook 48,5 mil - Instagram	Pastor e radialista oriundo da Rede Aleluia (IURD)
Olival Marques	Político e pastor	Assembleia de Deus (COMIEADEPA/CGADB)	25 mil - Facebook 97,4 mil - Instagram	É filho do líder das igrejas Assembleias de Deus no Estado do Pará, onde exerceu até 2012, o cargo diretor da União de Mocidade na AD no Maguari (Ananindeua).

*Dados coletados no dia 9 de janeiro de 2023.

FONTE – ELABORADA PELOS AUTORES, 2023.

Nota-se, conforme a Tabela 1, a disposição elementar, principalmente de homens, na figura de autoridade máxima de suas respectivas igrejas evangélicas e o apreço pelo viés político. No campo religioso, sabe-se das disputas nas relações que envolvem o sagrado, ou seja, o conflito iminente.

Das posições ou pretensões, a perspectiva de poder simbólico (Bourdieu, 2007), sinaliza para esse caminho, de afirmar sentidos, valores, hierarquias, em forma de dominação.

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão de bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar as bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (Bourdieu, 2007, p. 57).

Dessa relação de interesses, a atuação do evangélico em sociedade pode ser pautada por meio da necessidade de ocupar espaços que lhe tragam algum benefício, inicialmente no campo religioso, e que possa repercutir para além dos muros denominacionais.

Há, de certa forma, a convergência do ser evangélico em espaços midiáticos. O que antes era por interesse missional, na necessidade de entendimento que estar na mídia era ocupando espaços, ainda que de forma locada, esse mesmo espaço midiático hoje produz conteúdo também para o seguimento evangélico.

Pensa-se então, nesses espaços como, os de igreja, que são campos “frutíferos” para a “colheita”, ou seja, de sociabilidade, não reduzindo-os a espaço social de “estar presente para algo”, mas de construir pontes de relacionamento em subjetividade, pela

manifestação do “ser sagrado” convalidado nesse espaço de sociabilidade, que atravessa ao “outro”, como ponte, que liga, sustenta, permite transpor obstáculo, pretende dar continuidade e fortalecimento de vínculos.

O “pertencer”, na premissa evangélica, é uma das primeiras chaves que precisa ser virada para adentrar a experiência de sociabilidade. No evangelho, o Cristo está em prontidão, esperando o reconhecimento do homem em suas falhas e erros, baseado na construção do pecado, e por assim, reconhecer-se como tal e professar que deseja ser salvo. Aqui é a conversão.

Da perspectiva cristã, o plano de salvação humana está posto desde quando o Cristo esteve entre os homens e ao ressuscitar deixou dito que retornaria para salvar o povo. Para tal conquista, subjetivamente, deve-se ressignificar as atitudes humanas, e dar sentido, a partir das interpretações dos escritos da Bíblia Sagrada, para alcançar a vida eterna, como vindoura, em que o mundo terá um fim, e serão salvos os que estiverem alinhados à plenitude do evangelho, como parte do plano de salvação humana.

Da e na sociabilidade

Os fenômenos do sociável, dos modos de viver, tendências para estar em sociedade, conduta ou comportamentos, é culturalmente, para além do termo simplista, de conjunto de saberes ou expressões de seu povo, mas de tensão ao campo da comunicação, em uma perspectiva autopoiética, em que seres vivos produzem a si próprios, em uma relação paradoxal, autônoma e de dependência (Maturana; Varela, 1995). Essa tessitura, que pode ser associada com o termo evangélico, atravessa a sociabilidade por meio da realidade cultural.

A proximidade de perspectiva em Maturana, Varela (1995) e Morin (2007) sinaliza para um caminho, não necessariamente mais longo, mas cheio de atravessamentos e que se chagará em algum lugar ou não, mas que irá propor reflexões nesse percurso. São contextos, saberes e interações que derivam do sistema aberto, em complexidade, ou seja, um pensamento que agrega e se contextualiza ou materializa em si e no meio, ou por meio das interações, de certeza e incertezas, em um conhecimento que está para além do científico.

Para Castells (2015, p. 73), “as sociedades são construções culturais”, ou seja, ele entende como “conjunto de valores e crenças que dão forma, orientam e motivam o comportamento das pessoas”. Desta feita, é perceptível o atravessamento na

sociabilidade, do elemento pluriculturalidade, que o autor lê como multiplicidade de culturas integradas e ligadas por meio da história e geografia de cada lugar.

Do ser da floresta, os saberes, as experiências, os ritos, os símbolos e outras tantas efervescências culturais que não se dirimem, mas evocam da essência cabocla do ser amazônica, não somente a identidade, mas a identificação. O ali está para o micro, como está para o macro, ou está no macro, estando no micro. Nessa completude infinda do que limita, apequena ou reduz, na vida social se expande nas interações entre indivíduos.

À luz de Simmel (2006), o ser em sociedade, com suas experiências comunicacionais, tem a necessidade de pertencer e estar. Contudo, perceber que o autor chama atenção para a sociação, como a forma em que os indivíduos, por conta de seus interesses, “se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana” (p. 60).

Desta percepção, Simmel também propõe uma ideia de que a cultura é e está na e da relação entre sujeito e objeto, no sentido de movimento indissociável. Sendo assim, o cultivo do indivíduo e as realizações do indivíduo cultivado, ou seja, abarca a ação teleológica, de que o autor se debruça ao pressupor relações entre o sujeito e o mundo de coisas que existem ou podem ser construídos, como comportamento intencional de um fim ou objetivo.

Ainda que, em princípio, a religiosidade seja portadora de uma forma ou sentido, ela se manifesta em um campo de onde a ciência não responde, em que, pelo prisma simmeliano, cria a religião, como objetivação da fé. O autor separa Religiosidade e Religião, esta primeira, no âmbito de disposição de ânimo interior e a segunda, composta por crenças e ritos, é a institucionalização, o acordo social.

(...) em todo simbolismo da vida religiosa e clerical, na maioria até mesmo das complexas formulações da ciência, dependemos de uma certa fé ou sentimento, que nos assegura que as normas internas de fenômenos parciais e a combinação de elementos superficiais tenham de fato uma relação com a profundidade e a totalidade da realidade. E que, mesmo quando não se podem formular, aqueles fenômenos e elementos são portadores e representantes do real imediato e do fundamento da existência. Com base nisso compreendemos o efeito redentor e regozijante de alguns desses reinos, construídos a partir de simples formas da existência. Neles estamos livres da vida, mas ainda a possuímos (Simmel, 2006, p. 81).

Tal premissa dialoga com a perspectiva durkheimiana (1978) de que a religião é parte essencial da vida em sociedade. Outrossim, o homem é um ser religioso. Diante

disso, não é um conceito por si só, é uma percepção construída continuamente no fenômeno da sociabilidade. Desta feita, a habilidade de convivência em diferentes ambientes, a prospecção de relacionamento e o processo de valoração social se reverbera no indivíduo como ser no todo, na socialização, que se dá por meio das interações.

Considerações

Entre as contribuições da pesquisa, projeta-se o diálogo da religião com a comunicação em um aspecto materializador e localizado. Não limitando a perspectiva do ser evangélico na e da Amazônia, mas sinalizando o quanto desses fenômenos comunicacionais são transformadores socialmente onde se dão e acontecem.

Não é um percurso linear, cabe o esforço de olhar e pensar a complexidade, ancorada em Morin (2007). Nesse sentido, pensar complexo ou autopoiético é interagir com o meio e compreender, por meio dos fenômenos, o que se realizou e o que se apresenta. A autonomia do pensar e de compreender o mundo, realiza-se na ação de socialização, interação, cultura, no meio em si e por si, e no outro.

Segundo Simmel (2006), há múltiplas maneiras para que se explique a vida religiosa em sociedade, e que há elementos comportamentais e de atitudes que transpõe o da religião e alcança no social. Esses que, organicamente, se fundem com a disposição religiosa, mas, “quando são sociologicamente isolados, podemos mostrar, no completo religioso geral, que elementos podem ser com legitimidade considerados puramente religiosos.” Nesse sentido, “independentes de tudo o que é social” (p. 24).

A partir de nossa leitura de Simmel (2006), compreendemos que religião pode ser vista e concebida como produto e desenvolvimento da sociedade. Por conseguinte, os conteúdos religiosos da vida podem demandar uma forma social livre ou uma forma social centralizada, que refletem na determinação das formas pelas matérias da vida e valoração.

Mediatizada, a religião se vê e se permite experimentar por diversos sentidos e há resposta à demanda evangélica por meios de comunicação. E que não difere, inicialmente, de uma condição transcendental, de experimentar Deus de forma não materializada, mas materializado por meios de comunicação.

O consumo que, não importa o receptor em uma formalização de padrão social, como se arrumar para ir ao templo com uma bíblia, mas se no quarto ou na cozinha, durante afazeres, a liturgia é jogada em segundo plano, mas a necessidade social é transformada, como que por fenômeno, e tem-se uma nova lógica de sociabilidade,

intensificada em meio à pandemia do novo coronavírus, que me atrevo a categorizar em horizontal e vertical.

Como sociabilidade religiosa horizontal, as interações são entre indivíduos, é o que é de social e o que está. Na sociabilidade religiosa vertical, o alcançar a Deus, partindo de uma perspectiva cristã de que o céu está em cima e lá habita, se dá por meio do outro, ou seja, é na relação horizontal que se alcança a vertical, uma codependência.

Desta forma, pensa-se, inicial e hipoteticamente, que as inter-relações mediam não só a sociabilidade, mas a experiência religiosa. O conectar com Deus depende da presença e da validação no outro, encontrá-lo é sociabilizar com o outro.

Essa perspectiva não limita e nem exclui o ser do campo de interação online e offline e vice-versa, ou tão-só online pelo online e o offline pelo offline, mas é um caminho que precisa ser percorrido para encontrar essa resposta, ou pelo menos, indícios dela. E, esse é um exercício de aproximação conceitual e perceptiva de e sobre sociabilidade para construção da tese.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BELÉM. **Centenário da Assembleia de Deus é marcado por inaugurações.** Agência Belém, 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/jlsyE>. Acesso em 14 mar 2023.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2004.

BÍBLIA. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208p.

_____. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª edição. São Paulo: Presença, 2007.

CAMPOS, L. S. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, [S. l.], n. 61, p. 146-163, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i61p146-163. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13327>. Acesso em: 16 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação;** tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad e Instituto Mysterium, 2007. 231 p.

_____. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital.** Appris Editora, 2019.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. **Poder UOL**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/akIOR>. Acesso em: 20 jan. 2023.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Penso, 2012.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP: Psy II, 1995.

MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade**. São Paulo: Paulus, 2016

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1996.

MICELI, Sergio; MICELI, Sergio. Pierre Bourdieu: a economia das trocas simbólicas. **Introdução, Organização e Seleção Sergio Miceli, São Paulo, Perspectiva**, 2007.

MIKLOS, J. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. 2010. 145f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)-Programa de Estudos de Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. **Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia**. Estudos de Religião, v. 31, n. 2, 101-125, maio-ago. 2017, p. 101-125.

PESTANA, Matheus. **As religiões do Brasil - Religião e Poder**, 2021. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religoes-no-brasil/>. Acesso em: 19 jan. 2023.

REIS, Gustavo. S. Evangélicos na Amazônia Paraense: identidade entre as representações da palavra escrita e imaginada. **Observatório da Religião**, v. 03, p. 76-91, 2016.

RODRIGUES, D.; DE MORAES JÚNIOR, M. R. **A Pentecostalização de Povos Tradicionais na Amazônia: aspectos conceituais para uma antropologia de identidades religiosas**. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 900-918, 31 ago. 2018.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VERÓN, E. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928>. Acesso em: 20 jan. 2023.